

Boticas Parque

As trutas estão de regresso ao rio Beça



● Houve tempos em que as trutas nadavam em quantidade nos rios do Alto Tâmega. Depois, a pouco e pouco, os números foram caindo. “A truta desapareceu”, confirma Nuno Teixeira, um dos responsáveis da associação Celtiberus, que se formou para tomar conta do Boticas Parque, um parque de natureza que reaproveita uns antigos viveiros que pertenciam aos serviços florestais.

Nuno é neto do antigo guarda-florestal e conhece o parque como poucos. Quando era pequeno já andava por aqui a brincar e hoje está empenhado em revitalizar este espaço. Uma das formas de o fazer foi recuperar os antigos viveiros de trutas, situados mesmo ao lado do rio Beça. “Quando pegámos no parque, os viveiros tinham todas as condições, mas não tinham quase efectivo de peixes”, conta.

Juntamente com o município, tomaram a decisão de voltar a criar trutas. “Fizemo-lo com três objectivos principais: dar aos restaurantes produto para voltarem a poder oferecer um prato tradicional que aqui existia, a truta à moda de Boticas [com presunto]. Hoje os restaurantes ligam, encomendam e nós entregamos. Outra vertente foi voltar a repovoar os rios com efectivos da região. E o terceiro objectivo tem a ver com a parte mais lúdica, as pessoas vêm, nós temos material de pesca, e elas pagam os quilos que pescarem.” (só se pode pescar nos viveiros entre Março e Setembro).

O repovoamento é feito com trutas da região, nativas dos rios locais, que são pescadas e trazidas para os viveiros do parque. Aqui, um dos tanques recebe as reprodutoras que são alimentadas a ração. “Quando chegamos a Dezembro, Janeiro, na altura da desova, os funcionários espremem machos e fêmeas e fazem a reprodução [num pavilhão separado]. Depois, tem que se seleccionar as que morrem, mas há cerca de 70% ou 80% que sobrevivem. Quando já têm alguma estrutura e alguma força, as trutas passam para os outros tanques”, explica Nuno.

Reprodução do mexilhão de rio

Há quatro anos que começaram a trabalhar no repovoamento do rio e, apesar de ainda não terem dados



A padeira de Boticas

Conquistados pelo Aprígio, juramos iniciar logo nessa noite uma dieta à base de alfaces, quando alguém propõe passarmos pela Fonte de Chaves e bebermos um copo da água quente que promete ser muito digestiva. Não deixamos que o cheiro a enxofre nos demova e, enfrentando a chuva miudinha, enchemos as nossas garrafas com esta água de um território de águas, ao lado de um senhor que faz o mesmo, confidenciando-nos que vem aqui todas as noites há já algumas semanas.

Talvez seja efeito da água, mas o facto é que no dia seguinte, quando nos preparamos já para deixar o Alto Tâmega, decidimos arranjar um tempo para passar pela Maria do Carmo, padeira de Boticas. A pé desde as cinco da manhã, esta mulher pequena mas cheia de energia já amassou muitos pães, que o marido vai colocando dentro do forno a lenha, e, quando chegamos, está a recortar corações numa massa para as suas bolachas de gengibre e mel.

Já teve um restaurante, mas agora

está totalmente dedicada ao pão - o principal é de centeio, mas faz também de mistura - e dá *workshops* a crianças. Um deles, um rapaz, desde pequeno que diz que quer ser padeiro. É caso raro, mas até agora tem-se revelado um fiel aprendiz, confidencia Maria do Carmo.

Numa mini-ardósia - “o nosso iPad”, brincam - vão tomando nota da hora a que o pão entrou no forno. Quando entramos está a sair uma fornada, mas Maria do Carmo insiste que temos que provar o da véspera. “Não se deve comer quente.”

O marido está ansioso por este momento de pausa e não tarda em ir buscar o presunto, caseiro, para comer-mos com o pão. Maria do Carmo trouxe, entretanto, os doces que faz, de limão, de figo, e a marmelada. Não sabemos bem como isto aconteceu, mas já estamos a comer outra vez numa casa de gente amiga, da qual acabamos por sair abraçados a duas enormes couves que Maria do Carmo cortou da sua horta para nos oferecer.

A Fugas viajou a convite da Rede de Tabernas do Alto Tâmega



Boticas Parque

Horário: de quarta a domingo, das 10h às 12h30 e das 14h às 18h

Tel.: 276 410 206

E-mail: aacceltiberus@gmail.com

www.boticasparque.com

As actividades do parque incluem percursos pedestres, alojamento (Natur Houses, apenas duas), pesca desportiva, passeios de BTT, passeios de caiaque, arborismo, observação da natureza, agricultura biológica, provas de produtos.

achámos graça; de vez em quando eles mergulham, levam umas trutazitas, não era um problema.”

O problema, continua, rindo, é que “no ano passado já eram vinte e tal, e, fazendo as contas aos cinco peixes que cada um apanha por dia... começámos a reparar que nos tanques só restavam as trutas maiores, as pequenas tinham ido todas embora”. Mas se os tanques têm que ser protegidos dos corvos-marinhos, nos rios as trutas não têm uma vida muito mais fácil, aí por causa da perca, que “come os ovos todos, é o terror dos rios”. Apesar desta existência difícil, Nuno está optimista: a pouco e pouco, as trutas estão a voltar ao rio Beça - e às mesas dos restaurantes da região.

avançasse com uma barragem no rio Beça”. Não têm interesse gastronómico, mas são muito importantes como filtradores. “Um mexilhão destes pode filtrar 50 litros de água por hora”, garante Nuno, que neste momento se preocupa sobretudo com o possível impacto nos rios dos projectos para a exploração de lítio na região.

Mas, enquanto se espera para ver o que acontece com esses projectos, os responsáveis pelo parque têm algumas preocupações mais imediatas. “Temos aqui um predador, o corvo-marinho”, conta Nuno, para justificar a existência das redes que protegem os tanques das trutas. “Quando abrimos, tínhamos um ou dois e, como somos uma associação ambiental, até

científicos, têm uma certeza: neste momento “há peixe”. Mas é preciso manter uma vigilância constante. “Temos que mudar mentalidades. No Verão, na altura das festas, se eu correr o rio, e faço-o muitas vezes, encontro pessoas a apanhar peixes para os convívios.” Nuno não hesita. “Pomos câmaras e, às vezes, vamos por aí abaixo e cortamos as redes.”

Apesar de tudo, as coisas mudaram bastante desde os tempos do seu avô. “Bombas já não utilizam”, reconhece Nuno, “mas ainda há muita gente sem mãos por essas aldeias à conta disso. Antigamente, aproveitavam o barulho dos foguetes nas festas e lançavam bombas para a água para apanhar os peixes. No Verão, quando o rio baixava, chegavam a andar com malas de viagem, metiam as mãos por baixo

das pedras e apanhavam grandes quantidades. Faziam isso aqui quando sabiam que o meu avô tinha saído a cavalo.”

A pesca furtiva é uma das explicações para o quase desaparecimento das trutas dos rios da região. Mas há outras: “Antigamente não havia uma carga tão grande de químicos nas águas”, além de que se perderam os moinhos e os moleiros, que, com os restos das farinhas, davam ao rio alimento extra. A construção de uma mini-hídrica, que dificulta a subida dos peixes nas águas, também não veio ajudar.

Além dos viveiros das trutas, o Boticas Parque está também a desenvolver um projecto de reprodução do mexilhão de rio, “uma espécie em vias de extinção, que permitiu que não se

